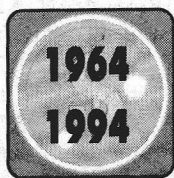


Crise do petróleo aumentou os juros e a dívida externa

A tese de que era possível crescer com financiamento externo fez com que a dívida brasileira aumentasse nove vezes durante o regime militar. O economista Paul Singer, da USP, lembra que até 1974 o endividamento foi desnecessário, "quase uma gentileza dos detentores do capital externo", para acabar em consequências graves com a crise do petróleo e a elevação dos juros:



— Ficamos estrangulados.

Roberto Campos e Reis Velloso, ex-ministros militares, concordam. Já Delfim Netto descarta que tenha havido endividamento excessivo, mas acha que as taxas de juros internacionais, de fato, subiram demais:

— Tanto que o Plano Brady está aí e não faz favor algum em reduzir a dívida em 30%, porque sempre dissemos que um terço da dívida era produto da violação de um acordo tácito.

O professor Dionísio Carneiro, da PUC-RJ, lembra que, até o início dos anos 80, o Brasil se endividou procurando estabilizar a inflação pela oferta. Com a explosão dos juros internacionais (que chegaram a 21% ao ano) após a segunda crise do petróleo, "a situação ficou insustentável".

Maria da Conceição Tavares critica as gestões de Delfim e Simonsen na Fazenda:

— A correção monetária trouxe a ciranda e houve a especulação na bolsa em 71. Mais adiante, com Geisel, a solução para atrair capital externo foi aumentar os juros internos, a pretexto de segurar a inflação causada pelo choque do petróleo. Há uma contenção no reajuste de tarifas e um corte no financiamento das estatais, obrigadas a obter crédito externo.

O ex-ministro Ernane Galvêas, do período Figueiredo, é um dos poucos que discordam que o endividamento foi excessivo. Para ele, sem o crédito externo, era impossível ter construído o sistema de hidrelétricas, melhorar os portos e investir em petroquímica, telecomunicações, fertilizantes e papel e celulose.

Depois de 80, a política externa acabou levando à quebra do Estado, afirma Conceição:

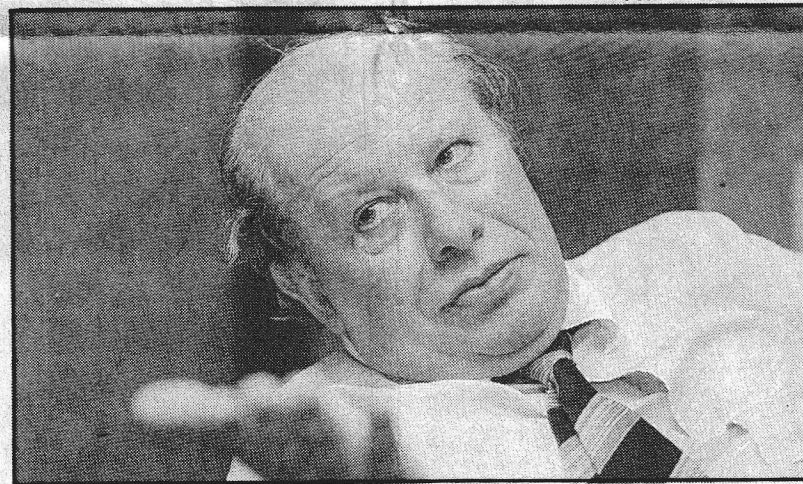
— Primeiro, o Delfim prefixa a correção em 50%, reduzindo a dívida do setor privado à metade. Depois, permite que as empresas depositem o valor da dívida no BC e, em seguida, faz maxidesvalorizações da moeda. Quebra o Estado, mas salva o setor privado: a crise externa quebrou bancos mexicanos, argentinos, chilenos. Brasileiro? Nenhum — dispara.



“Sem importação de petróleo, isto aqui ia virar taba de índio de novo”

Delfim Netto

Foto de Ivo Gonzalez



“O Campos acha a dívida excessiva, mas não havia investimento direto”

Mario Henrique Simonsen